

ARQUITETURA DE LATA

Dias atrás, li um emocionado depoimento do arquiteto e professor da Universidade de Brasília Frederico de Holanda sobre o falecimento do amigo e colega de profissão Geraldo Gomes da Silva. Em 1985, durante uma disciplina cursada no mestrado da FAU USP em São Paulo, fui colega do Geraldo, que na época fazia seu doutorado. Mais velho que a maioria da classe, ele e Gunter Weimer eram os “vovôs” da turma. Logo que sentei ao seu lado na classe, puxou conversa e nos intervalos das aulas íamos até os cafés das redondezas, às vezes até no Mackenzie, que fica próximo à FAU da Rua Maranhão no tradicional bairro de Higienópolis.

Na época, Geraldo estava afastado das aulas na Universidade Federal de Pernambuco para fazer o doutorado. Acho que se sentia um pouco solitário em São Paulo, aquela cidade maluca, fria, fumacenta, muito diferente da solar Recife onde vivia. Tinha acabado de escrever e se preparava para lançar um livro sobre a história da arquitetura de ferro que ele brincava ser “arquitetura de lata”. Na época, eu tinha conhecido a histórica estação ferroviária de Bananal no Vale do Paraíba que é toda em ferro, trazida da Bélgica para ser montada na cidade e Geraldo me explicou os detalhes técnicos daquela construção. Tinha grande experiência na elaboração de planos de preservação de sítios históricos, assim como na pesquisa da arquitetura dos antigos engenhos de açúcar e da arquitetura moderna em Pernambuco.

Infelizmente, nunca mais o reencontrei após terminar aquela disciplina, ele voltou pro Recife e eu pra Franca. Li seu livro “Arquitetura de Ferro no Brasil” de um fôlego só e o tinha na minha biblioteca particular, que era fonte de consulta para muitos estudantes de arquitetura que nada encontravam sobre o assunto na biblioteca da universidade e iam até meu escritório. Franca teve alguns exemplares notáveis dessa arquitetura, como o primeiro mercado da cidade construído em 1921 e demolido por volta de 1955. Mistério insondável: o livro desapareceu. Não foi emprestado, portanto só posso inferir que alguém com a mão mais leve que da turma da “rachadinha bolsonarista” o levou. Não importa, minha referência sobre a “arquitetura de lata” no Brasil continua sendo Geraldo, grande Geraldo.

Na mesma turma, estava outro grande pesquisador, só que do sul do país. Gunter Weimer formou-se em Arquitetura em 1963 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estava em nossa classe também para obter o título de doutor em Arquitetura. Era professor da UFRGS e da PUCRS, mas muito diferente do Geraldo. Era compenetrado e estudioso como o pernambucano, mas de caráter reservado, formal. Seu livro sobre a origem e evolução das cidades rio-grandenses continua em minha biblioteca, esse nenhum Queiroz botou a mão.

Mauro Ferreira é arquiteto